

SOCIEDADE NATUREZA E HISTÓRIA

META

Problematizar a ideia de natureza, entendendo que as diversas percepções da humanidade acerca deste conceito influenciam sobremaneira na relação do homem com seu meio.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreender que, ao longo da História, as diversas sociedades relacionam-se de formas diferentes com a natureza.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado a aula 1. Assistir o filme “A Guerra do Fogo” de Jean-Jacques Annaud.



A cultura se define como algo superior que conseguiu controlar e dominar a natureza. Com a agricultura, o homem domesticou a natureza e se tornou sedentário, considerando primitivos os nômades.

(Fonte: <http://www.calcidrata.pt>)

INTRODUÇÃO

Caro aluno, cara aluna!

Espero que você tenha percebido o quanto nossa jornada pela disciplina Natureza e História será interessante. Mas se a ficha ainda não caiu, não se preocupe! Estamos apenas começando!

É importante que você compreenda que as diversas sociedades não se relacionaram com a natureza da mesma forma ao longo da história humana.

Observe alguns exemplos. No Império Romano algumas espécies de animais eram capturadas para participarem de espetáculos no Coliseu. Eram usadas em caçadas em plena arena, batalhas e sacrifícios. Tudo isso para o prazer do povo e a glória dos imperadores.

Admiramos tanto a civilização egípcia, mas não imaginamos o tamanho dos impactos causados pela extração intensiva de recursos naturais para a construção de cidades, templos e tantos monumentos que perduram até os dias atuais.

Nos primórdios da existência humana, os primeiros homínídeos tinham uma relação de total dependência frente à natureza. Retiravam do meio tudo que era necessário para suas subsistências: colhiam frutos e caçavam. A partir do domínio do fogo, vários hábitos sofreram transformações, pois, com este recurso, os homens modificaram a forma de preparar seus alimentos; utilizavam-no como defesa, como também para se aquecerem, e para tantos outros usos. Estas transformações encontram-se bem retratadas no filme “A Guerra do Fogo” que expressa um esforço de reconstrução da pré-história da humanidade, reconstrução esta que nos chama atenção ainda hoje pelo realismo com que foi retratada nesta película.

A conquista do fogo marca o início da capacidade de atuação do homem sobre a natureza e de sua submissão cada vez menor a ela, pois, até então, a vida do homem era regulada pelas condições naturais. A partir do domínio do fogo, o homem passa a adaptar o ambiente em que vive, ampliando sua ação cultural e distanciando-se cada vez mais da natureza, uma vez que não se encontra mais totalmente à sua mercê. Como afirma Sergio de Almeida Rodrigues, “nosso mundo começa à borda de uma fogueira” (RODRIGUES, 1989, p. 60).



Cartaz do filme “A guerra do fogo”.
(Fonte: <http://www.revista.art.br>)

A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA

Você já deve perceber meu caro aluno, minha cara aluna, que nossa atuação na natureza é muito maior do que apenas os resultados de ações instintivas. Não somos seres passivos em nossa relação com o mundo. Muito pelo contrário! Esta condição deve nos remeter à reflexão acerca da importância do papel do homem na natureza e das consequências de sua presença neste planeta.

O ser humano possui necessidades básicas, e é na busca da satisfação destas que a maior parte das ações humanas está direcionada. Estas necessidades, vistas isoladamente, mostram o quanto somos semelhantes à maioria dos animais, especialmente os mamíferos. No entanto, na vida cotidiana, as diferenças vêm à tona, pois os animais dependem das condições do meio para perpetuar sua espécie, já o homem, apesar de possuir as mesmas necessidades, cria as condições favoráveis à vida. Além disso, há ainda a capacidade fisiológica da adaptação ambiental que permite aos seres humanos sobreviverem nas condições mais adversas.

Podemos, portanto, afirmar que os animais são passivos frente à natureza, já o homem é ativo, pois transforma as condições naturais, de forma a permitir sua própria existência.

Sendo assim, o ser humano é capaz de transformar a natureza, produzir o que achar necessário para o seu dia-a-dia, mas também, criar significados para o que inventa, ou seja, é um ser com a capacidade de produzir cultura negativa.

Para que você compreenda melhor, leia o texto abaixo da Heloisa Dupas Penteadó, que exemplifica muito bem o que estamos estudando.

NATUREZA E CULTURA

Assim, um rio que nasceu de uma fonte traça o seu leito por entre as rochas do caminho, acolhe em suas águas plantas e animais que fazem dela sua moradia, é um elemento da natureza. Quando o homem por qualquer razão desvia suas águas (para construção de uma estrada, ou de uma barragem); ou lança dejetos ou lixo fabril em suas águas, poluindo-as, está transformando este rio, que então já deixa de ser natureza, para ser cultura, ou seja “natureza transformada pela ação do homem”.

Qualquer animal da fauna que nasce, cresce, desenvolve seu ciclo vital e morre, sem interferências deliberadas do ser humano, é um elemento da natureza. Já quando criado pelo ser humano, cuidado por ele, passa a ser um elemento de cultura. Toda a diferença existente entre um boi selvagem (esta diferença foi focalizada recentemente, ainda que de maneira superficial, pela novela Pantanal, levada ao ar pela Rede

Manchete de Televisão) e um boi da pecuária reside nas diferenças que decorrem deste cuidado do homem que interfere na vida do animal de várias maneiras: seleciona os sêmens e as matrizes de procriação, transformando características da espécie; cuida da alimentação selecionando-a, dosando-a segundo os resultados pretendidos (gado de corte ou gado leiteiro).

O mesmo acontece com os vegetais. Qualquer planta que nasce, cresce, desenvolve seu ciclo vital e morre, sem interferência do ser humano, é um elemento da natureza. Já quando é cultivada pelo homem transforma-se em um elemento da cultura. Daí serem usadas as expressões “cultura canavieira”, “cultura do café”, “cultura da laranja” etc., e mesmo o termo mais geral “agricultura”.

É importante destacar aqui que o homem enquanto animal criador de cultura interfere na sua própria espécie. Com o avanço, tecnológico introduzem-se alterações na qualidade da alimentação produzida para si próprio, capazes estas de alterar características de sua saúde; cria regimes alimentares com finalidades específicas; pratica exercícios físicos que podem alterar o funcionamento de seu organismo; pesquisa medicamentos capazes de interferir em sua saúde e prolongar a média de vida das populações; controla a natalidade etc. Além de transformar o seu equipamento físico/animal, interfere também em seu próprio modo de viver. Inventa formas de moradia (favelas, casas, prédios, conjuntos residenciais, vilas, cidades); organiza diferentes modos de trabalhar (o trabalho autônomo, o trabalho como empregado, como meheiro; o sistema capitalista de produção – a propriedade privada e o lucro; o sistema socialista de produção e distribuição de bens. O homem atribui significado a todas as coisas que faz (cria uma moral que lhe diz o que é certo e o que é errado); assim como cria significados para os enigmas da vida que aí estão a nos desafiar, como por exemplo, a própria morte.

(Cf. PENTEADO, Heloísa Dupas. Meio ambiente e formação de professores. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 70-72.)

É nesta perspectiva que precisamos compreender que toda mudança gera efeitos, os quais variam de frequência e intensidade ao longo do tempo. Em se tratando da natureza, isto é ainda mais visível, uma vez que os elementos que compõem o meio ambiente são inter-relacionados e reagem uns em relação aos outros.

Diante de tudo o que vimos até aqui, torna-se importante considerar a historicidade das questões ambientais, evitando uma abordagem atemporal que ignora as circunstâncias históricas em que se produzem os diferentes modos de compreensão e significação humana do ambiente.

Precisamos entender nossa experiência humana do ambiente como parte de uma história social de longa duração que a antecede e que influencia de diversas maneiras os modos de compreensão vigentes.

VISÕES DE NATUREZA

As atuais concepções acerca da relação homem-natureza têm raízes bastante antigas. No século XVII, com o **cartesianismo**, postulava-se que, ao se conhecer a força e a ação dos elementos que nos cercam, “poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim tornar-nos como que senhores e possuidores da natureza” (Descartes, 2005, p. 60). Porém, esta visão de mundo como natureza exterior ao homem é bastante anterior a Descartes.



Caricatura de René Descartes
(Fonte: <http://connections.smsd.org>).

Este tipo de visão ocorre tanto nas concepções teocêntricas quanto nas antropocêntricas. É nas sociedades fundadas com a Revolução Industrial, porém, que o antagonismo homem-natureza se aprofunda e se define. Mas houve intervalos e exceções. A concepção pré-socrática, por exemplo, entendia que os deuses estavam presentes em todas as coisas. Para a mitologia

Cartesianismo

O fundamento principal da filosofia cartesiana consiste na pesquisa da verdade, com relação à existência dos “objetos”, dentro de um universo de coisas reais. O método cartesiano está fundamentado no princípio de jamais acreditar em nada que não tivesse fundamento para provar a verdade. Com essa regra nunca aceitará o falso por verdadeiro e chegará ao verdadeiro conhecimento de tudo. Disponível em: <http://www.artigonal.com/ciencia-artigos/o-que-e-cartesianismo-705720.html>.

Physis

A palavra grega Physis pode ser traduzida por natureza, mas seu significado é mais amplo. Refere-se também à realidade, não aquela pronta e acabada, mas a que se encontra em movimento e transformação, a que nasce e se desenvolve, o fundo eterno, perene, imortal e imperecível de onde tudo brota e para onde tudo retorna. Nesse sentido, a palavra significa gênese, origem, manifestação. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>.

René Descartes

Filósofo e matemático francês (1596-1650). É considerado o fundador da Filosofia moderna. Sua principal obra é Discurso do Método (1637), na qual apresenta a premissa de seu método de raciocínio – “Penso, logo existo!” –, base de toda a sua filosofia e do futuro racionalismo científico. Disponível em: <http://www.e-biografias.net>.

grega, os deuses e os homens, como se sabe, tinham a mesma origem; o que os diferenciavam não era a origem, mas sim o destino: os deuses eram imortais. Entretanto, estes foram formados à imagem e à semelhança dos homens, com sentimentos e paixões, qualidades e defeitos humanos. Não consistiam em entidades sobrenaturais, pois eram compreendidos como parte integrante da natureza.

Assim, não existia, como na tradição judaico-cristã, um Deus não criado que concebeu o Universo e todas as coisas. Os deuses e os homens coexistiam e isso leva, evidentemente, a uma relação especial entre o homem e a natureza. Na própria terminologia da língua grega, a palavra physis significa a natureza e o homem com suas ações e pensamentos. Havia, portanto, uma palavra que englobava o significado natureza-homem enquanto que, nas línguas modernas, homem e natureza são dois termos distintos. Pensando a **Physis**, o filósofo pré-socrático coloca-a como a totalidade do real. Esta concepção levava a uma relação mais próxima com a natureza, pois o homem não estava dissociado dela.

Apesar da concepção grega baseada numa relação onde havia maior integração entre o homem e a natureza, prevaleceu na tradição ocidental uma concepção de natureza submetida ao homem para que a domine. Foi, sobretudo com a influência judaico-cristã, que a oposição homem-natureza, espírito-matéria, adquiriu maior expressão. Esta concepção encontrou sua formulação máxima e melhor justificação no filósofo **René Descartes**. A concepção cartesiana colocava o homem como sujeito e a natureza como objeto.

O propósito explícito de Descartes fora fazer dos homens “senhores e possuidores da natureza”. Adequava-se bem à sua intenção que ele descrevesse as outras espécies como inertes e desprovidas de toda dimensão espiritual. Ao fazê-lo, instaurou um corte absoluto entre o homem e o restante da natureza, limpando dessa forma o terreno para o exercício ilimitado da dominação humana (Thomas, 1988, p.41).

A marca de uma instrumentalização da natureza, pela utilização da racionalidade técnica, está profundamente inscrita na ciência decorrente desta trama histórica. Ela traz em seu bojo a ideia burguesa de progresso e de desenvolvimento. A partir de um movimento unívoco, a ciência construiu um gigantesco aparato intelectual, resultando num controle e numa instrumentalização da natureza objetivando auferir benefícios prioritariamente para o próprio homem em detrimento da natureza.

A burguesia coloca sua soberania sobre a natureza – monitorada pela ciência –, explorando-a intensivamente, desenvolvendo as forças produtivas como jamais ocorreu na História. A espoliação da natureza e dos

expropriados dos meios de produção surge no sistema capitalista como “natural”, isto é, legitimada por um entendimento que denota uma atividade inquestionável (Porto-Gonçalves, 1989).

O **antropocentrismo**, denota o sentido pragmático-utilitarista do pensamento cartesiano e a oposição do homem em relação à natureza vão marcar a modernidade. A natureza, já não mais povoada por deuses, pode ser dessacralizada, tornada objeto, dividida e, tornada natureza-morta, esquarterada (Porto-Gonçalves, 1989).

Toda sociedade e, por conseguinte, toda cultura, cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural; este é, na verdade, criado e instituído pelos homens (Porto-Gonçalves, 1989). A natureza se define em nossa sociedade por aquilo que se opõe à cultura. A cultura é tomada como algo superior que conseguiu controlar e dominar a natureza. Com a agricultura, o homem domesticou a natureza e se tornou sedentário, considerando primitivos nos nômades. Dominar a natureza significou dominar a inconstância, o instinto, as pulsações e as paixões. O estado, a lei e a ordem tornaram-se necessários para evitar o primado da natureza, onde reinam o caos e a lei da selva. Tal conceito de natureza justificou a existência do Estado e considerou primitivos os povos que não o assumiram.

Segundo Arthur Soffiati (1987), Descartes, ao opor sociedade e natureza dando autonomia e controle à primeira, criou as raízes da crise ecológica atual. Dotou o homem de poderes ilimitados sobre o universo. A expressão “dominar a natureza” só tem sentido a partir da premissa de que o homem é não-natureza. Mas se o homem é também natureza, falar em dominar a natureza é falar em dominar o homem também.

O capitalismo levou essa tendência às últimas consequências. O Iluminismo, no século XVIII, e a Revolução Industrial são expressão e base dessas ideias. A ciência e a técnica adquiriram, no século XIX, um significado central na vida dos homens. O desenvolvimento das técnicas passou a ser entendido como avanço no domínio do homem sobre a natureza. Tal entendimento desprezou o fato de que a sociedade que manipulava a tecnologia também fragilizava e desequilibrava sua relação com o meio ambiente (Soffiati, 1987).

A ideia de uma natureza objetiva e exterior ao homem, o que pressupõe uma noção de homem não-natural e fora da natureza, cristalizou-se com a Revolução Industrial e tornou-se dominante no pensamento ocidental. No Ocidente, ou vemos a natureza como algo hostil, lugar de luta de todos contra todos, da chamada lei da selva, ou vemos a natureza como harmônica e bondosa (Porto-Gonçalves, 1989).

Antropocentrismo

Antropocêntrico vem a ser o pensamento ou a organização que faz do Homem o centro de um determinado universo, ou do Universo todo, em cujo redor (ou órbita) gravitam os demais seres, em papel meramente subalterno e condicionado. É a consideração do Homem como eixo principal de um determinado sistema, ou ainda, do mundo conhecido. Tanto a concepção quanto o termo provêm da Filosofia. Disponível em: <http://www.milare.adv.br>.

Teoria da Relatividade

A Relatividade Especial, ou Teoria da Relatividade Restrita é uma teoria publicada em 1905, baseada em um estudo do matemático francês Henri Poincaré. Ele trocou os conceitos independentes de espaço e tempo da Teoria de Newton pela ideia de espaço-tempo como uma entidade geométrica. O espaço-tempo na relatividade especial tem uma variedade de 4 dimensões, três espaciais e uma temporal (a quarta dimensão), nas quais noções de geometria podem ser utilizadas. Disponível em: <http://forum.angolaxyami.com>.

Física Quântica

A Física Quântica surgiu como a tentativa de explicar a natureza naquilo que ela tem de menor: os constituintes básicos da matéria e tudo que possa ter um tamanho igual ou menor. Disponível em: <http://bibliotecaiteiraepesquisa.blogspot.com>.

No primeiro caso, justifica-se o Estado para impor a lei e a ordem e impedir o caos e a volta ao “Estado da Natureza”, à animalidade. No segundo caso, critica-se o homem que destrói a natureza, mantendo-se a dicotomia homem-natureza. A primeira vertente constitui o antropocentrismo, a segunda, o naturalismo. Em ambos, homem e natureza caem um fora do outro (Melo e Souza, 2004).

Assim, neste quadro de ruptura da solidariedade homem e de falência ideológica é que se coloca a crise ecológica como um grande desafio para a humanidade. A **Teoria da Relatividade** e a **Física Quântica**, no século XX, mostraram que a ciência não produz mais certezas, mas apenas probabilidades. Consequentemente, o ocidente tornou-se mais sensível às concepções holísticas que prevalecem nas filosofias orientais. Abriu-se espaço às concepções que repensam o homem e a natureza como partes de um todo composto de forças que interagem em constante movimento e transformação. É preciso repensar a relação homem-natureza em profunda integração para que o atual conceito de homem possa perder o seu sentido (Soffiati, 1987).

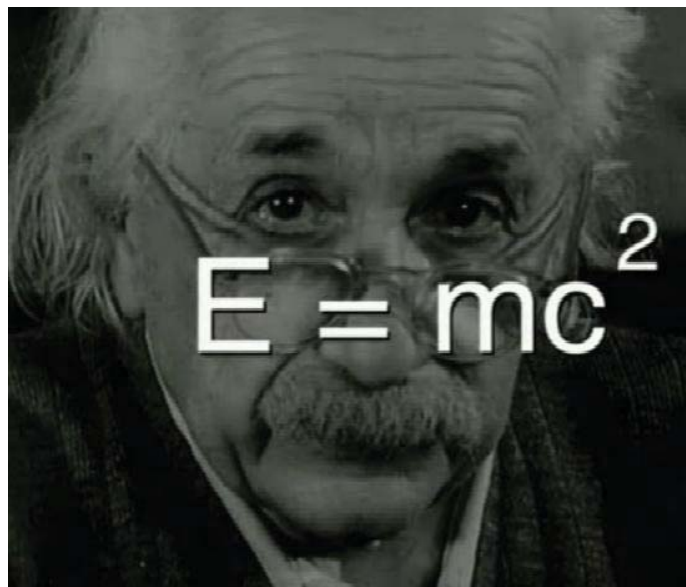


Foto de Albert Einstein e a teoria da relatividade.
(Fonte: <http://ivannlendl.files.wordpress.com>).

Luis Henrique Camargo (2005) defende que o homem seja um elemento da totalidade, uma parte da natureza. Segundo ao autor, foi exatamente o distanciamento do homem com o espaço natural que forjou a ideia da natureza como um grande e eterno supermercado, do qual ele pode dispor do que lhe for conveniente.

CONCLUSÃO

Através desta análise podemos compreender melhor o distanciamento entre homem-natureza, o que traz como uma de suas possíveis consequências o fato de que hoje muitos dos movimentos de caráter ambientalista só se efetivam diante de problemas que necessitam de soluções imediatas. Estas mobilizações somente vêm à tona em “situações urgentes, concretas e específicas” (Camargo, 2003, p. 62). Não há, normalmente, um contínuo engajamento em tais questões.

RESUMO

O homem, um ser “criador de cultura” e de significados, apreende de várias formas as relações entre os fenômenos do seu meio ambiente, pensa sobre elas e desenvolve um conhecimento sobre elas. Assim sendo, ao longo do tempo, e conforme o tipo de sociedade, o homem desenvolveu visões de natureza distintas. Seja qual for a percepção, o homem está sempre fora da natureza e este distanciamento se reflete nas práticas atuais, influenciando inclusive os próprios movimentos ambientalistas atuais.



ROTEIRO PARA ANÁLISE

ANNAUD, Jean-Jacques. A guerra do fogo. Canadá/França/1981. 100 min.

SINOPSE

Após terem sido atacados pela tribo Wagabou, os Ulam perdem a sua preciosa fogueira. Refugiados numa terra fria e úmida, Naoh, Amoukar e Gaw são enviados à procura de fogo. Os três personagens começam então uma viagem numa terra desconhecida povoada por mamutes, tigres-dentes-de-sabre e pela temível tribo canibal Kzamm.

A pesquisa linguística para os diálogos ficou a cargo do escritor Anthony Burgess (*A laranja mecânica*).

Realizado por Jean-Jacques Annaud no ano de 1981.

Para esta atividade, com base na sinopse e, não diferente, após assistir a película em tela, como segunda parte da atividade desta aula, o aluno deverá responder os questionamentos abaixo.



ATIVIDADES

1. O que foram as guerras do fogo e por que elas ocorreram?
2. Quais as distinções que podemos observar nos tipos de agrupamentos humanos presentes no filme?
3. Cite alguns exemplos de aspectos assimilados pelo primeiro grupo a partir do contato com o segundo.
4. Quais as principais características apresentadas no filme que diferenciam os grupos primitivos quanto ao domínio da natureza?



PRÓXIMA AULA

Uma história social das relações homem-natureza

REFERÊNCIAS

- ANNAUD, Jean-Jacques. **A guerra do fogo**. Canadá/França/1976. 100 min.
- CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento Sustentável: Dimensões e Desafios**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martin Claret, 2005. col. “A Obra Prima de cada autor”.
- MELO E SOUZA, Rosemeire. Representações Discursivas e Visões de Natureza no Pensamento Ambientalista Brasileiro. **Revista Tomo**, São Cristóvão, n. 5, 2004, p. 99-120.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio ambiente e formação de professores**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 70-72.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.
- RODRIGUES, Sérgio de Almeida. **Destrução e Equilíbrio: o homem e o ambiente no espaço e no tempo**. São Paulo: Atual, 1989.
- SOFFIATI, Arthur. **As raízes da crise ecológica atual**. In: *Ciência e Cultura*, v 39, n. 10, p. 951 – 954, out. 1987.
- THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.